

**AMANHÃ VOCÊ
VAI ENTENDER**

AMANHÃ VOCÊ VAI ENTENDER

Rebecca Stead

Tradução de Flávia Souto Maior



Copyright © 2009 Rebecca Stead
Edição publicada mediante acordo com
Handon House Children's Books, uma divisão de Handon House, Inc.

TÍTULO ORIGINAL
When You Reach Me

PREPARAÇÃO
Marina Vargas

REVISÃO
Rachel Agavino
Milena Vargas

DIAGRAMAÇÃO
Trio Studio

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Eva Vazquez Merino

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S821a

Stead, Rebecca
Amanhã você vai entender / Rebecca Stead ; tradução
Flávia Souto Maior. — Rio de Janeiro : Intrínseca, 2011.
224p. : 21 cm

Tradução de: When you reach me
ISBN 978-85-8057-054-0

1. Literatura infantojuvenil americana. I. Maior,
Flávia Souto. II. Título.

11-2062.

CDD: 028.5

CDU: 0875

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel/Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

**Para Sean, Jack e Eli, campeões de risadas
em horas impróprias, de amor intenso e de
questões extremamente profundas.**

**A experiência mais bela que podemos
ter é o misterioso.**

– Albert Einstein
Como vejo o mundo (1931)

Coisas que guardamos em uma caixa

Então mamãe recebeu o cartão-postal hoje. Está escrito *Parabéns* em letras cursivas grandes, e bem no alto fica o endereço do Estúdio TV-15, na rua 58. Depois de três anos tentando, ela finalmente conseguiu. Vai participar do programa *A Pirâmide de 20 Mil Dólares*, apresentado por Dick Clark.

No postal há uma lista de coisas para levar. Ela precisa de algumas mudas de roupa, caso ganhe e passe para a próxima fase — que eles fingem ser no dia seguinte, embora gravem cinco programas em uma única tarde. Presilhas de cabelo são opcionais, mas ela sem dúvida levaria algumas. Diferentemente de mim, mamãe tem cabelos lisos e ruivos, que balançam bastante e podem impedir que os Estados Unidos vejam seu pequeno rosto sardento.

E, no final do cartão, tem a data em que ela deve aparecer, rabiscada em caneta azul: *27 de abril de 1979*. Exatamente como você disse.

Olho na caixa que está embaixo da cama, onde tenho guardado seus bilhetes durante os últimos meses. Lá está ele, escrito com sua letra miúda: *27 de abril; Estúdio TV-15*. As palavras

estão tremidas, como se você as tivesse escrito no metrô. Sua última “prova”.

Ainda penso na carta que pediu que eu escrevesse. Isso me incomoda, mesmo sabendo que você se foi, e que não tenho mais a quem entregá-la. Às vezes a elaboro em minha cabeça, tentando delinear a história que você queria que eu contasse sobre tudo o que aconteceu no outono e no inverno passados. Tudo ainda está lá, como um filme a que posso assistir quando quiser. Ou seja, nunca.

Coisas que se perdem

Mamãe surrupiou um calendário grande do trabalho e colou o mês de abril com fita adesiva na parede da cozinha. Ela usou uma caneta marca-texto verde e grossa, também surrupiada do trabalho, para desenhar uma pirâmide, com cifrões e pontos de exclamação em volta, no dia 27 de abril. Saiu e comprou um *timer* especial em forma de ovo que conta meio minuto precisamente. Não há *timers* em forma de ovo no almoxarifado do escritório.

Vinte e sete de abril também é aniversário de Richard. Mamãe se pergunta se não seria um bom presságio. Richard é seu namorado. Ele e eu vamos ajudá-la a praticar todas as noites, e é por isso que estou em minha escrivaninha, e não assistindo à TV, como sempre faço depois da escola — direito de nascença de toda “criança com chave”. É assim que chamam as crianças que têm a chave de casa e ficam sozinhas depois da escola até um adulto chegar para fazer o jantar. Mamãe odeia essa expressão. Ela diz que remete a calabouços e deve ter sido inventada por alguém severo e terrível, com um orçamento ilimitado para cuidar dos filhos.

— Provavelmente algum alemão — diz, olhando para Richard, que é alemão, mas não é severo nem terrível.

Na Alemanha, segundo Richard, eu seria uma das *Schlüsselkinder*, o que significa “criança-chave”.

— Você tem sorte — ele me diz. — Chaves são poder. Tem gente que precisa chegar e bater na porta.

É verdade que ele não tem uma chave. Bem, ele tem a chave do apartamento *dele*, mas não a do nosso.

Richard se parece com os caras que imagino em veleiros — alto, loiro e muito arrumadinho, mesmo nos fins de semana. Ou talvez eu imagine que os caras sejam assim nos veleiros porque Richard adora velejar. Suas pernas são muito longas e não cabem muito bem embaixo da mesa da cozinha, então ele tem que sentar meio de lado, com os joelhos virados para o corredor. Ele parece ainda maior perto de mamãe, que é baixinha e tão magra que precisa comprar cintos em lojas infantis e fazer um furo extra na pulseira do relógio para que não caia do braço.

Mamãe chama Richard de Sr. Perfeito, por causa de sua aparência e porque ele sabe tudo. E todas as vezes que ela o chama de Sr. Perfeito, Richard dá um tapinha no joelho direito. Ele faz isso porque sua perna direita é mais curta que a esquerda. Todos os seus sapatos do pé direito têm uma plataforma de cinco centímetros pregada na sola, para que as pernas fiquem do mesmo tamanho. Descalço, ele manca um pouco.

— Você deveria agradecer por essa perna — diz mamãe. — É só por isso que o deixamos vir aqui.

Richard já “vem aqui” há quase dois anos.

* * *

Temos exatamente 21 dias para preparar mamãe para o programa. Então, em vez de assistir à TV, estou copiando palavras para ela praticar à noite. Escrevo cada palavra em uma das fichas brancas que ela surrupiou do trabalho. Quando junto sete, prendo os cartões com um elástico, que ela também surrupiou do trabalho.

Ouço sua chave na porta e escondo minha pilha de palavras, para que ela não possa espiar.

— Miranda?

Ela faz barulho andando pelo corredor (tem usado um tamanco ultimamente), para e enfia a cabeça em meu quarto.

— Você está com muita fome? Estava pensando em esperar o Richard para o jantar.

— Posso esperar.

A verdade é que acabei de comer um pacote de salgadinhos. Comer bobagens depois da escola é outro direito fundamental das crianças com chave. Estou certa de que na Alemanha também é assim.

— Tem certeza de que não está com fome? Quer que eu corte uma maçã para você?

— Que tipo de bobagem se come na Alemanha? — pergunto. — Salgadinhos de salsicha?

Ela olha para mim.

— Não tenho ideia. Por que está perguntando?

— Por nada.

— Quer a maçã ou não?

— Não. E não fique aqui. Estou escrevendo as palavras para mais tarde.

— Ótimo. — Ela sorri, enfia a mão no bolso do casaco e diz: — Pega!

Então joga algo na minha direção, e eu pego um conjunto novinho de canetas marca-texto, de várias cores, amarradas com um elástico grosso. Em seguida, volta para a cozinha batendo os tamancos.

Richard e eu chegamos à conclusão de que quanto mais mamãe odeia o trabalho, mais coisas sarrupia do almoxarifado. Olho para as canetas por um instante e logo volto para a pilha de palavras.

Mamãe precisa ganhar aquele dinheiro.

Coisas que escondemos

Meu nome foi dado em homenagem a um criminoso. Mãe diz que essa é uma forma dramática de ver as coisas, mas às vezes a verdade é dramática.

— O nome Miranda representa os direitos das pessoas — ela me disse no último outono, quando fiquei chateada porque Robbie B. falou na aula de educação física que recebi esse nome por causa de um sequestrador.

Eu havia esquecido minhas chaves na escola e tive que esperar duas horas e meia no mercado da Belle, na avenida Amsterdam, até que mamãe chegasse do trabalho. Não me importei muito em esperar. Ajudei Belle um pouco. E eu tinha meu livro, é claro.

— Ainda está lendo a mesma coisa? — perguntou Belle assim que me sentei para ler na cadeira dobrável ao lado da caixa registradora. — O livro parece meio detonado.

— Não estou lendo a mesma coisa *ainda* — respondi. — Estou lendo *novamente*. Já devo ter lido umas cem vezes, e é por isso que parece tão detonado.

— Certo — disse Belle —, então me conte algo sobre esse livro. Qual é a primeira frase? Eu nunca julgo um livro pela capa. Julgo pela primeira frase.

Eu sabia a primeira frase do livro sem nem precisar olhar.

— “Era uma noite escura e tempestuosa” — falei.

Ela fez um gesto positivo com a cabeça.

— Clássico. Gosto disso. A história é sobre o quê?

Pensei por um momento.

— É sobre uma menina chamada Meg... O pai dela desapareceu, e ela viaja até outro planeta para salvá-lo.

— O que mais? Ela tem namorado?

— Mais ou menos — respondi. — Mas isso não importa muito.

— Quantos anos ela tem?

— Doze.

Na verdade, no livro não diz a idade de Meg, mas eu tenho 12, então para mim é como se ela também tivesse. Quando o li pela primeira vez, eu tinha 11 anos, e ela parecia ter 11 também.

— Ah, 12 — disse Belle. — Ainda tem muito tempo para namorados. Por que não começa do início?

— Começar o que do início?

— A história. Conte-me a história. Desde o início.

Então comecei a contar a ela a história do livro. Não li, apenas falei sobre ele, começando com a primeira cena, em que Meg acorda à noite com medo da tempestade.

Enquanto ouvia, Belle fez um sanduíche de peru para mim e me deu umas dez vitaminas C mastigáveis, porque achou que eu estava meio fanhosa. Quando ela foi ao banheiro, peguei escondido um cachinho de uvas, que eu amo, mas

nunca posso comer porque mamãe não gosta da forma como os coletores são tratados na Califórnia e se recusa a comprar.

Quando mamãe finalmente chegou, abraçou Belle e disse:

— Fico devendo uma.

Como se eu fosse um fardo em vez de uma pessoa que, com muita boa vontade, ajudou a descarregar três caixas de bananas verdes e vistoriou a seção de artigos refrigerados em busca de produtos vencidos. Depois, mamãe comprou uma caixa de morangos, embora eu saiba que ela acha os morangos da Belle muito caros e não tão bons. Ela os chama de OFMs, que significa “objetos em forma de morango”.

— De onde Robbie B. tirou essa ideia idiota de que alguém colocaria na filha o nome de um assassino? — perguntou mamãe.

Ainda faltava metade do quarteirão para chegarmos ao nosso prédio, mas ela já estava com a chave na mão. Mamãe não gosta de ficar mexendo na bolsa na frente do prédio, facilitando para os assaltantes.

— Assassino, não — eu disse. — Sequestrador. O pai dele é promotor público. Ele disse que a lei Miranda tem esse nome por causa de um cara chamado Sr. Miranda, que cometeu um crime horrível. É verdade?

— Tecnicamente? Talvez. A lei Miranda é essencial, sabe... As pessoas precisam saber que têm o direito de permanecer

em silêncio e de ter um advogado. Que tipo de sistema judicial teríamos sem...

— “Talvez” quer dizer “sim”?

— E também tem Shakespeare. Ele inventou o nome Miranda, sabia? Para *A tempestade*.

Faz muito sentido agora que refleti sobre isso: mamãe queria ser advogada criminalista. Ela começou a faculdade de direito e quase terminou o primeiro ano, mas logo eu nasci e ela teve que abandonar o curso. Hoje, trabalha como assistente jurídica, mas em um escritório bem pequeno no qual tem que ser recepcionista e secretária também. Richard é um dos advogados. Eles prestam muitos serviços gratuitos para pessoas pobres. Às vezes, até para criminosos. Mas nunca imaginei que ela me batizaria em homenagem a um deles.

Mamãe destrancou a porta do lobby, que é de ferro e vidro e deve pesar mais de 130 quilos, e a empurrou com força para abrir, os saltos escorregando no chão de ladrilhos. Quando entramos, inclinou-se contra a porta até ouvir o clique que significa que a trava foi acionada. Quando a porta se fecha sozinha, normalmente não tranca, o que deixa mamãe louca, e é uma das coisas que o senhorio não quer consertar.

— E então? Ele era sequestrador ou não? — insisto e aperto o botão do elevador.

— Está bem, você venceu — disse mamãe. — Dei esse nome a você em homenagem a um monstro, Mira. Desculpe-me. Se não gosta dele, pode trocar se quiser.

Isso era tão típico de mamãe... Ela não entende que uma pessoa fica ligada a seu nome, e que algo assim possa ser um choque.

No apartamento, jogou o casaco sobre uma cadeira na cozinha, encheu a espagueteira com água e colocou para ferver. Ela estava usando uma blusa laranja de gola alta e saía jeans, com meias listradas de roxo e preto.

— Meias bonitas — bufei.

Ou pelo menos tentei bufar. Não sei bem como é, embora as pessoas nos livros façam isso o tempo todo.

Ela se encostou na pia e passou os olhos pela correspondência.

— Você já implicou comigo por causa das meias hoje de manhã, Mira.

— Ah. — Normalmente ela ainda está na cama quando saio para a escola, então não posso apreciar seu modelito até que volte do trabalho. — Belo esmalte, então.

Suas unhas estavam pintadas de azul metálico. Ela devia tê-las feito no escritório naquele dia.

Ela revirou os olhos:

— Está brava porque teve que ficar esperando no mercado da Belle? Eu estava superocupada... Não podia simplesmente sair.

— Não. Eu gosto de ficar com a Belle.

Fiquei imaginando se ela tinha feito as unhas antes, depois ou durante sua tarde superocupada.

— Você podia ter ido para a casa do Sal, sabe...

Sal e a mãe dele, Louisa, moram no apartamento em cima do nosso. Ele costumava ser meu melhor amigo.

— Eu disse que gosto de ficar com a Belle.

— Mesmo assim. Acho que devíamos esconder uma chave na mangueira de incêndio, para a próxima vez.

Então, depois do jantar, escondemos nossa chave extra no bocal da mangueira enrolada e empoeirada que ficava na escada. A mangueira é toda craquelada e tem uns cem anos. Mamãe sempre diz que, se houver um incêndio de verdade, aquilo não servirá para nada e teremos que pular pela janela no jardim do vizinho. Ainda bem que moramos no segundo andar.

Você me pediu para mencionar a chave. Se um dia eu decidir mesmo escrever sua carta, o que provavelmente não farei, essa é a história que contarei.